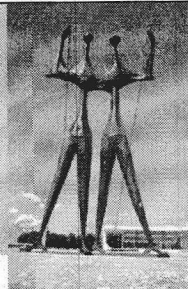


BRASÍLIA 36 ANOS



■ Campeões não esquecem a cidade. Sempre voltam quando têm folga ou encerram a carreira

■ Atletas brasileiros vencem dificuldades e com frequência chegam ao topo do pódio

ATLETAS, SIM!

Destaques em todas as modalidades, eles mostram a força do esporte em Brasília

CIDA BARBOSA

Eles cresceram em Brasília, alguns nasceram aqui. Aprenderam a amar a cidade criada para ser a capital política do País, e por isso mesmo classificada de fria por alguns. Talvez por serem filhos da terra, não sintam e não concordem com esta má-fama. Foi aqui que construíram suas amizades e deram início a seus sonhos. O principal deles? Serem os melhores no esporte que praticam.

Uma parte já chegou lá, a outra está a caminho. E, por causa deles, Brasília poderia facilmente ser classificada também como a capital do esporte. A despeito de todos os problemas e dificuldades enfrentadas por nossos atletas, não são poucos os que se destacam nacional e internacionalmente.

A maioria é revelada aqui, mas para continuar progredindo no esporte precisa, em geral, deixar a cidade. O amor a Brasília, no entanto, não muda. Atleta brasileiro é como nordestino. É obrigado a deixar sua terra, porém não esquece sua procedência e, quando finalmente pode, sua primeira providência é voltar.

Assim fez o tricampeão mundial de Fórmula-1, Nelson Piquet. Começou em Brasília, depois partiu para o mundo. Se consagrou, encerrou sua carreira e resolveu voltar, em definitivo. O próprio Piquet não cansa de enumerar as virtu-

des de Brasília. Tanto que abriu suas empresas aqui, arrendou o autódromo que leva seu nome, e pretende colocar a cidade no circuito das competições internacionais.

Como Piquet, outros atletas também preferem Brasília. São os casos de Jamil Suaiden, o melhor ciclista brasileiro da atualidade; José Mário Tranquillini, medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos; e Alexandre Manzan, cam-



Nelson Piquet
conquistou o
mundo na F-1.
Parou e voltou
para Brasília

peão mundial de duatlo na categoria júnior e um dos destaques nacionais no triatlo. Os três são candangos e residem aqui. Planos para deixar a cidade, nem pensar.

Há também os que residem fora, mas guardam vínculos ou pretendem voltar. Entre estes estão a campeã da São Silvestre, Carmem de Oliveira, a melhor fundista brasileira e que representará o Brasil nas Olimpíadas de Atlanta (mora atualmente no México); o pivô Pipoka, da Seleção Brasileira de Basquete, que vive em São Paulo; a ginasta Soraya Carvalho, que também vai a Atlanta; e o meia Amoroso, do Flamengo.

Isso sem mencionar outros que mesmo não sendo brasileiros, foram revelados aqui como Lira (Guarani), Tande (Seleção Brasileira de Vôlei); Leila e Ricarda (Vôlei/Leite Moça); e Joaquim Cruz, medalha de ouro nas Olimpíadas de Los Angeles.

MALAS NA MÃO Patrocínio ainda é fraco

Falta de patrocínio e estrutura são os problemas enfrentados pelos atletas brasileiros que acabam empurrando-os para fora da cidade. Alguns são filiados em federações de outros estados. Foi a maneira que encontraram para não abandonarem o esporte.

Em termos estruturais, há quem diga que Brasília oferece boas condições para a prática do esporte. Mas se for feita uma análise, esta estrutura, em sua maioria, está depredada, abandonada, ou mesmo não existe. Estádios de futebol, pistas de atletismo, quadras de tênis, piscinas, quadras de basquete, de vôlei, autódromo e outros aparelhos esportivos realmente a cidade possui, porém poucos têm o mínimo de condições de funcionamento. E para reformá-los ou construir outros é preciso um item muito raro ultimamente no governo: dinheiro.

Em alguns esportes não temos

representantes em nível nacional. Não há uma equipe forte de basquete ou vôlei. O dinheiro é imprescindível para que seja feito um trabalho de base. Não há empresários interessados em investir, pois querem retorno imediato, o que não acontece. O governo, então, está fora de cogitação. As verbas são para assuntos prioritários. O esporte não está entre eles.

Como é que um atleta pode continuar seu trabalho se não tem perspectiva de crescimento? O jeito é deixar Brasília ou competir representando outro estado. Foi a decisão que tomou o ciclista Jamil Suaiden. Sem patrocínio e sem competidores à altura, ele resolveu se filiar à Federação Paulista, apesar de morar em Brasília. Tem o apoio da Caloi que, segundo ele, supre todas as suas necessidades e a gratidão ele demonstra nas pista, conquistando troféus. Outros seguiram seu exemplo.

‘Treino em cima de pneu ralado coberto com lona’

MÁRIO TRANQUILLINI, judoca

‘Aqui é o melhor lugar do mundo para viver e para treinar’

JAMIL SUAIDEN, ciclista

‘Os problemas não da cidade; são de seus dirigente’

ALEXANDRE MANZAN, triatleta



Declaração de amor à cidade

Tudo bem que as dificuldades são muitas para eles, mas os atletas fazem questão de declarar seu amor pela cidade. “Adoro Brasília. Nasci aqui. Tenho muitos amigos, sei como a cidade funciona, gosto de correr (cooper) porque não há poluição. Só tenho vontade de ir embora quando vejo injustiça, mas seria para fora do País. Já fui convidado para competir pelos Estados Unidos mas não aceitei. Meu lugar é aqui”, afirma o judoca José Mário Tranquillini.

Ele fala com a experiência de quem já passou longos períodos fora, pelo Japão, Alemanha, Estados Unidos e França. “É preciso sair porque lá a estrutura para o esporte é superdesenvolvida. Há aparelhos específicos para treinamento. Aqui em Brasília tenho de treinar em cima de pneu ralado coberto com lona de caminhão”, justifica o atleta que é casado e tem uma filha, Bárbara, dois anos.

Alexandre Manzan e Jamil Suaiden são outros dois atletas apaixonados por Brasília. “Já estive em vários países e posso afirmar que aqui é o melhor lugar do mundo, tanto para viver como para treinar. O clima, as estradas, o trânsito e as distâncias são ideais para meus treinamentos”, atesta o ciclista. “Não penso em morar em outro lugar e espero que continuem falando mal de Brasília, que o clima é ruim, a noite é parada e outras coisas. Só assim não vem mais ninguém para tirar a tranquilidade da cidade”, completa.



Tranquillini
recebeu várias
propostas de
outros países.
Preferiu ficar

O brasileiro de nascimento, ele só lamenta a falta de competições de nível mais elevado e patrocínio, o que o obrigou a ir para São Paulo. “Brasília tem tudo para ser a melhor cidade no esporte, mas os políticos esquecem disso. Em outras cidades, os estados patrocinam as competições. Mas aqui não dão apoio. Qual é a prova em Brasília que reúne grandes nomes?”, questiona.

O triatleta Alexandre Manzan faz coro com o conterrâneo. “Gosto muito daqui e acho que é o meu lugar. Não tenho idéia de sair. Para mim é um bom local de treinamento, tem uma energia boa. Os problemas que existem não são da cidade e sim dos dirigentes dela”, ressalta. Segundo ele, há atletas de nível em Brasília, porém que não recebem apoio.